



MULHER, FEMININO E FEMINISMO: O LUGAR E A VOZ NA CULTURA OCIDENTAL



Valéria Cristina Ribeiro PEREIRA*

RESUMO

Este artigo traz, de forma breve, reflexões sobre o lugar e a voz da mulher, do feminino e do feminismo, na cultura e na história do ocidente, cuja essência patriarcal reservou o esquecimento como principal espaço de ocupação das mulheres. Basta um olhar mais atento para verificarmos uma espécie de vácuo em relação à presença feminina no movimento de interações sociais de maneira geral. No século XX, a tomada de consciência de algumas mulheres culminou com o chamado “Movimento Feminista”, que apresentou diferentes fases. Sem uma base lógica que respaldasse a existência do preconceito contra a mulher na cultura, o Feminismo encontrou terreno fértil para reverter o quadro desolador da submissão e do anonimato que impediam a mulher de transitar pelo espaço da autoria, da palavra e da subjetividade próprias. Tal percurso, entretanto, não foi suficiente para extinguir a necessidade de discussão no cenário contemporâneo.

Palavras-chave: Feminino. Feminismo. Mulher. Literatura. Cultura.

INTRODUÇÃO

Quando lançamos um olhar um pouco mais atento sobre a cultura ocidental, verificamos uma espécie de vácuo em relação à presença feminina. Aliadas da História do mundo, as mulheres, até bem pouco tempo, não possuíam o espaço adequado à inserção de sua figura no movimento de interações sociais. A tomada de consciência por algumas poucas mulheres, ao longo do desenvolvimento da humanidade, finalmente, culminou, no século XX, no chamado Movimento Feminista, com diferentes fases e ênfases.

* Doutora em Estudos Literários pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora e pesquisadora do Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.

Entretanto, tendo o feminismo já superado várias contradições, desde seu nascimento, acreditamos que outras barreiras serão igualmente transpostas e, desta maneira, as conquistas conseguidas e as contribuições dadas para as questões femininas continuarão sendo ampliadas, deslocado, como veremos, o eixo da falsa disputa masculino/feminino.

Com base nisso, o que pretendemos apontar no decorrer destas reflexões é o percurso de busca pelo qual passaram e ainda passam os movimentos que se ocupam em construir e encontrar um novo lugar para a mulher na contemporaneidade. Um lugar que não reafirme a exclusão, que não seja o lugar do esquecimento ou o do segundo sexo - produtor de tarefas menores ou mero reprodutor. Um lugar que não promova apenas a substituição do machismo.

1 O FEMINISMO E O PROBLEMA DO GÊNERO

A história do Feminismo surge, a partir da afirmação de que a diferença entre os sexos não encontrava sustentação, como, também, nenhuma outra, para funcionar como motivo de opressão das mulheres na sociedade e, face a isto, o movimento procurou esgarçar as antigas definições acerca das questões de gênero. Desde as ações iniciais, porém, até as mais recentes pesquisas, o problema do gênero ainda pede (re) leituras.

É importante reconhecer que gênero é um conceito de difícil sensocomunização, porque nega o caráter natural (segundo uma perspectiva pretensamente científica) ou divino (segundo uma perspectiva religiosa) dos sujeitos masculino e feminino e da atração heterossexual, ao propor que somos produzidos/as e educados/as nas relações sociais, e nos produzimos como sujeitos de gênero, aprendemos a ser masculinos ou femininas, em meio a relações de poder. Ao denunciar e desafiar preconceitos, estereótipos e discriminações, o conceito de gênero incomoda e desacomoda homens e também mulheres que obtêm ganhos (mesmo que combinados com perdas) em e através de suas posições e relações de gênero (articuladas com outras posições e relações), por exemplo, mulheres excepcionalmente situadas em campos masculinos (CARVALHO; RABAY, 2015, p. 132).

Neste cenário contemporâneo de diluição de fronteiras, em que é possível mais abertura e clareza sobre as identidades que se reconfiguram, dentre outras, em relações homoafetivas, além de corpos e sexos que não correspondem a construções culturais cristalizadas, mais necessário faz-se novo olhar sobre tais questões.

Se por um lado o movimento feminista abriu caminho para novas investigações do feminino, por outro, viu-se envolvido num emaranhado de questões ainda não resolvidas. O problema acerca do gênero, questão central do movimento, permanece ainda, na contemporaneidade, rodeado de perguntas a serem respondidas.

O termo gênero surge na década de 1980 em uma reivindicação das feministas lésbicas, que acreditavam que as relações heterossexuais, foco da crítica feminista até o momento, não davam conta da totalidade da sexualidade humana. Na primeira fase do feminismo observa-se uma forte articulação entre política de gênero e crítica literária, baseada na ideia de que a última não podia ser separada da primeira. Conforme já mencionado, em um primeiro momento a crítica feminista apresentava um tom de denúncia, afirmando que as relações sexuais seriam regidas por dinâmicas de poder baseadas no binômio dominação masculina x submissão feminina. O surgimento da categoria gênero marca uma conquista das feministas contemporâneas no sentido de estabelecer novas compreensões teóricas acerca dos questionamentos que caracterizam o feminismo, introduzindo novos debates sobre posturas e comportamentos e relativizando os postulados tradicionais de dominação e submissão entre os sexos. Tais leituras surgem com a emergência de novas abordagens teórico-metodológicas como a psicanálise, a linguística e o pós estruturalismo, que oferecem novos elementos de investigação científica e apontam novas trilhas para a construção do conhecimento acadêmico. Em primeiro lugar, as teóricas de gênero rejeitaram a ideia de diferença sexual que estava no centro das primeiras análises feministas. Essa diferença representava uma simples oposição de sexo, isto é, a mera diferença entre o homem e a mulher. O conceito de diferença sexual implicava a existência da categoria mulher, baseada na identidade biológica e em uma “essência” feminina relacionada, por exemplo, à maternidade. Os estudos de gênero rejeitaram tais ideias essencialistas ao afirmar que as características ditas intrinsecamente “femininas” e “masculinas” não são inerentes aos sexos e sim construídas na esfera social (BELLIN, 2011, p. 7).

E, à medida que mais revolvermos as questões acerca do gênero, as causas femininas continuarão sendo ampliadas, deslocado, como já mencionamos, o eixo da falsa disputa masculino/feminino.

Dessa forma, cabe, ainda, destacar um conceito de gênero rentável e elucidador, cuja compreensão, mais uma vez, reitera a distancia em relação ao conceito de sexo.

O gênero é definido como “toda e qualquer construção social, simbólica, culturalmente relativa, da masculinidade e da feminilidade. Ele define-se em oposição ao sexo, que se refere à identidade biológica dos indivíduos” (SCOTT, 1990, p. 5). Desta maneira, gênero não é sexo: ele é uma categoria que se impõe sobre o corpo sexuado, aquilo que faz do ser biológico um sujeito social, seja ele homem, mulher, heterossexual ou homossexual, branco ou negro (BELLIN, 2011, p. 6).

Na perspectiva desta pluralidade de análises, hoje oferecida pelas discussões, cumpre esclarecer que este texto procura enfocar a questão pelo viés da relação da mulher com a sociedade e as conseqüências para aquelas que habitam um corpo do sexo feminino.

Ainda que as polêmicas estejam pulsantes nesse sentido, a contribuição mais significativa em torno das discussões dá-se na possibilidade das revisões, sem as quais nos tornamos reféns do mundo acrítico. Por isso,

se remover véus e antolhos que estão obscurecendo a observação e o conhecimento e, simultaneamente, conseguir iluminar os pontos escuros que a História nos legou, rerepresentando o mundo com uma perspectiva ampliada, o feminismo crítico já terá dado inestimável contribuição ao projeto de revisão da cultura (VIANA, 1995, p. 168).

Neste tempo em que vivemos, com revisões e emergências para diferentes grupos, mas, simultaneamente, com forças opositoras de semelhante resistência, trazer o percurso do feminismo e do feminino, percebendo o lugar e a voz esquecida, assinala uma tentativa de compreensão da cultura e dos embates travados neste campo.

2 FEMINISMO E REVISÃO DA CULTURA

Retomamos a época das primeiras discussões, acompanhando a verificação da ausência de uma base lógica que respaldasse a existência do preconceito

contra a mulher na cultura. Conforme essa percepção do Feminismo, foi encontrado terreno fértil para reverter o quadro desolador da submissão e do anonimato que impediam a mulher de transitar pelo espaço da autoria, da palavra e da subjetividade próprias.

Assim, as interdições foram minimizadas. Ao buscar transformações, o feminismo conseguiu modificar um antigo estado de coisas e, a partir daí, promover a inserção do feminino na História Moderna.

Por muito tempo, o Movimento feminista foi criticado por sua incoerência, pois, enquanto buscava para as mulheres a igualdade com os homens, ratificava o parâmetro masculino como o ideal, o modelo a ser perseguido. O “elogio da diferença” (OLIVEIRA, 1990) somente passou a ser considerado numa outra etapa, quando as próprias feministas perceberam a sua contradição. Além disso, buscando para si uma “verdade” tão dogmática quanto a anterior, as desbravadoras pretenderam um empreendimento utópico, pois, **se a verdade se constrói em narrativa, a verdade não existe** (BARTHES, 1991).

Sendo assim, o que o Movimento Feminista reivindicava para si e para a humanidade era um novo olhar sobre os velhos conceitos e preconceitos que, por diversas causas, recolheram as mulheres a um canto escuro em quase todos os fazeres da cultura. Buscava, também, rever as convenções estabelecidas e abrir novos caminhos que apontassem outros rumos para as investigações que suprimiram fatos e excluíram dados, deixando relegadas ao esquecimento as ações de mulheres, ao longo do desenvolvimento global da cultura.

Como a teoria do feminino não pode perder de vista seu principal objetivo, que está relacionado à inserção da mulher nos diversos campos do saber - o que, por consequência, carrega atrás de si o fantasma da cobrança por um conceito para definir gênero nos tempos contemporâneos, o “feminismo” se debate com um velho problema: tentar responder coerentemente, afinal, o que é este gênero feminino do qual o feminismo tornou-se ideologia, sem se deixar cair em armadilhas.

Talvez seja interessante, nestes tempos de difusão tecnológica e uso de internet, mais aproximar as teorias e repensar o feminino sempre junto a uma

análise social, pois sua problematização não se encontra isolada, mas interage com outros componentes da vida coletiva. Há que se tomar um certo cuidado, a fim de não se fazer uma aproximação pouco crítica (e adequada), sem as ressalvas necessárias.

Em outras palavras, precisamos pensar mais sobre como pensamos acerca das relações de gênero ou de quaisquer outras relações sociais e sobre como outros modos de pensar podem nos ajudar ou atrapalhar no desenvolvimento de nossos próprios discursos (FLAX, 1992, p. 220).

É preciso, fundamentalmente, saber aproximar e distanciar disciplinas, ao se tentar elaborar teorias, pois um pensamento apressado pode reafirmar conceitos, ao invés de negá-los. Um exemplo interessante da apropriação de outras disciplinas de forma não crítica está no fato de feministas socialistas tentarem ampliar o conceito de produção para abranger muitas formas de atividade humana (FLAX, 1992, 233). Nesse aspecto, no entanto, o pensamento marxista criou um impasse e deixou de fornecer ajuda, pois nos limites desta teoria acerca de trabalho e produção não se reconhecem como tais muitas das atividades desempenhadas por mulheres, como, por exemplo, a gravidez e a educação de crianças. Estas não podem ser ignoradas; do contrário, mais uma vez, ocorrerá a duplicação do discurso do “dominador” ao invés de sua desconstrução. O caminho está repleto de armadilhas e, à medida que a mulher integra o social, tem seu pensamento culturalmente construído, o próprio auto-entendimento vê-se comprometido. Ela, como o homem, também interiorizou concepções de gênero quanto à masculinidade e à feminilidade. Portanto, caso o gênero não seja compreendido criticamente na relação social, ao invés de em oposição excludente, não haverá maneira de se identificar as “variedades e limitações de diferentes poderes e opressões de mulheres (ou de homens) dentro de sociedades específicas” (FLAX, 1992, p. 246). O Feminismo no Brasil, como em muitos outros países do mundo, alavancou ações importantes para as conquistas necessárias às mulheres que viviam situações de opressão. Mas foi a partir do momento pós-ditadura que o movimento ganhou mais expressão no cenário político.

Percebemos, assim, que após a ditadura o feminismo foi se adentrando na esfera política e conquistando aos poucos seu espaço em órgãos públicos importantes. Através da chamada Carta das Mulheres à Assembleia Constituinte, as demandas feministas foram apresentadas à sociedade civil, introduzindo as mulheres dentro do Congresso Nacional, para suas respectivas reivindicações de direitos mais igualitários – neste período se reconheceu o movimento feminista como o movimento da sociedade civil que mais conquistou vitórias. A década de 1990 foi emblemática para as Conferências Mundiais em específico, a Conferência de Direitos Humanos, em 1993 e a Conferência de População e Desenvolvimento, em 1994, as quais oportunizaram inúmeros canais de informação e troca de experiência, mas, foi a partir da IV Conferência Mundial da Mulher que os projetos feministas imbuíram-se no caráter direcionado para os direitos humanos, principalmente no quesito violência contra a mulher, com ações de: passeatas, eventos e manifestações, propondo inclusive alteração no Código Penal. O tema sexualidade auxiliou na reflexão sobre o ser mulher, sua identidade, liberdade e relações desiguais entre homens e mulheres, sendo a saúde também um campo importante de reflexão e discussão (Anais III Simpósio - Gênero e Políticas Públicas. 2014).

Convém mencionar que, hoje, um percurso de vitórias e a particularidade de termos no Brasil uma Presidente da República não nos livraram do alto índice de violência contra a mulher e de mais uma série de problemas divulgados todos os dias. Avançamos em muitos aspectos, como a criação de leis, mas que, muitas vezes, não se deram de maneira confortável.

Como corolário de todo este processo, também a Literatura registrou o descaso no que diz respeito à produção feminina. Paralela à ideologia do feminismo, uma crítica literária feminista exigia outra teorização, a fim de trazer à luz a importância da escrita feminina para a literatura. Muitas mulheres buscaram e buscam uma revisão da História Literária para que, reconhecendo os motivos da ausência de uma teoria dos gêneros, a produção literária feminina em largos períodos da História fosse valorizada e incorporada.

3 “UM TETO TODO SEU”

As mulheres que pensaram o lugar do feminino e impulsionaram o Movimento Feminista têm entre si a figura da escritora Virgínia Woolf, para quem a (in)dependência econômica fez muita diferença para as manifestações femininas

em todos os campos (STIMPSON, 1989) e, por isso, explorou em **Um Teto Todo Seu** o problema da dependência financeira da mulher, que teria dificultado sua libertação e desenvolvimento, pois ela esteve sempre à sombra do homem, que foi quem guiou e condicionou todo o processo social. Não tendo um “quarto para si” e independência financeira, a mulher estaria impedida de produzir e criar, a não ser filhos para a sociedade patriarcal que fez da vida feminina uma privação de toda ordem. Assim, seria importante, ao se fazer uma revisão histórica, mostrar a perspectiva matriarcal na cultura e desfazer a dicotomia de pólos opostos em que sempre estiveram distintamente separados os dois mundos: o do homem – racional, público, produtivo; e o da mulher – sentimental, doméstico, reprodutivo.

Diante desta constatação, Woolf colocou em cena uma possível irmã de Shakespeare, Judith, e tentou mostrar o que teria acontecido a uma mulher talentosa, como o próprio escritor, se esta se dispusesse a produzir seus textos na Inglaterra Elizabetana. Certamente, teria enfrentado toda uma gama de dificuldades pelas quais não passou o irmão.

A pobreza cultural da mulher sempre esteve relacionada à pobreza material. Em 1931, Virgínia Woolf lia um discurso para a National Society for Women’s Service e nele falava sobre os caminhos percorridos por ela, abertos por outras mulheres anteriormente. Mencionou Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, e outras mulheres famosas. Mencionou, também, a existência de um anjo: o anjo da casa. Referia-se à figura metafórica que fazia sombra a todas as mulheres, na Inglaterra Victoriana: figura altamente compassiva, e muito encantadora, abnegada, pura, condescendente, sempre se sacrificando pelos outros. Para levar à frente sua produção escrita, Virgínia Woolf teve que matar o anjo da casa. Finalizando o discurso, retomava a questão da independência financeira para enfatizar a importância de a mulher ter seu próprio espaço, conquista fundamental para a obtenção de algum progresso. As mulheres para as quais Woolf falava, naquela época, já começavam a lutar pela independência financeira, pois haviam conquistado o direito à profissão que não fosse a de doméstica.

Vocês ganharam seu próprio espaço na casa até agora possuída exclusivamente por homens. Vocês são capazes, embora não sem grande trabalho e esforço, de pagar o aluguel. Vocês estão ganhando suas quinhentas libras ao ano. Mas esta liberdade é apenas um começo; o cômodo é de vocês, mas ainda está vazio. Ele tem que ser mobiliado; tem que ser decorado, tem que ser repartido... (WOOLF, 1996, p. 50).

Podemos entender que a casa à qual Virgínia se referia é o próprio mundo. Ele deve ser repartido, decorado também com elementos do feminino, que por muito tempo estiveram em cena apenas como pano de fundo, pois, no primeiro plano, saltava aos olhos a vontade dos homens.

Sem dúvida, à medida que a mulher ia se libertando, mais aumentava sua participação social e, se nos reportarmos aos séculos passados, verificaremos que o século XVIII produziu mais mulheres notáveis que o XVII, o século XIX mais que o XVIII e o século XX, evidentemente, mais que século XIX, prova cabal da proporção direta existente entre pobreza material e pobreza cultural neste caso.. Além do mais, toda esta condição produziu separadamente a notoriedade de algumas mulheres, sufocando muitíssimas vozes mais, que se apagaram no mutismo forçado.

Por isto, fazia-se mister — e faz-se ainda a continuidade — uma revisão historiográfica, para descobrir como foram vencidas, ou não, as dificuldades femininas ao longo dos tempos e como a História oficial distorceu os fatos, deixando de lado a contribuição feminina para a construção de uma possível outra humanidade. Esta tarefa evidentemente não é a deste trabalho, que, só em parte e em tempo e espaço definidos, ocupa-se do tema.

Uma das estratégias mapeadas por Virgínia Woolf, na tentativa de resgatar a voz cujo som deixou de ser ouvido durante séculos, estava intimamente ligada à revisão do passado, a fim de que víssemos nascer uma cultura em que a mulher fosse ouvida e valorizada. Para tanto haveria a necessidade de se repensar o desenvolvimento das sociedades e de se recorrer a uma Nova História, procurando reelaborar conceitos que enriquecessem o legado histórico do qual temos conhecimento.

Woolf suggests three strategies for mapping women's creativity that have influenced women's studies. First, at the same time as the Annales school in France was establishing modern social history based on the kind of sources social history was to use : dietary customs ,house plans, "parish registers and account book" (STIMPSON, 1989, p. 136) .

O que Woolf propôs foi um novo método de investigação que buscasse, através de novas fontes, uma História mais abrangente, capaz de trazer à luz dados escondidos pelos métodos convencionais. De fato, num tempo em que vários grupos clamavam por revisões históricas, inclusive as feministas, uma possível releitura de acontecimentos passados vinha mesmo ao encontro de seus anseios. Por isso, nada mais adequado do que se recorrer a esta nova maneira de fazer História, que não se prendesse apenas a grandes feitos, de grandes homens ou de grandes países, ignorando outras ocorrências individuais e coletivas que pudessem revisar em profundidade muitos fatos e eventos. Diferente da convencional, acostumada a conclusões simplistas ligadas aos jogos de poder, reflexo apenas destes jogos, era preciso uma História que se declarasse mais ampla que a História tradicional, dando conta do que por esta fora rejeitado.

Herdeiro do legado da chamada Nova História, o Movimento dos Anales era um movimento preocupado com tais inovações, problematizante, capaz de fazer surgir novas ideias acerca de velhos problemas e, ajudado por outras disciplinas como a antropologia, a geografia, a lingüística, a psicologia, poderia se abrir a novos horizontes do passado.

Face a isto, torna-se nítido o motivo pelo qual Virgínia Woolf evocava o Movimento dos Anales: sua proposta estava relacionada diretamente a uma das pretensões do feminismo, qual seja, a de buscar inovações de leitura para o lugar da mulher e, a partir daí, resgatar sua história, estendendo-a, conseqüentemente, à própria História da cultura.

Para Virgínia, tornava-se necessária a ampliação dos territórios da História, para abarcar os diversos grupos emergentes, negligenciados e excluídos das sociedades antigas. Era necessária a construção de uma nova tradição, que

os trouxesse à tona, tirando-os do esquecimento ao qual foram relegados; entre eles, o das mulheres.

Desde que surgiu, o movimento feminista passou por transformações em seu modo de conduzir pensamentos e ações. Primeiramente, centrou sua crença na reivindicação de uma igualdade com o sexo oposto e, sem perceber, enquanto clamava por igualdade, ratificava a postura de que os homens eram o modelo a ser perseguido e imitado. Assim, reafirmava o discurso dominante : o do homem.

Depois, o feminismo, percebendo sua forma incoerente de pensar, adotou uma outra postura, a de referendar a diferença. Desde então, as mulheres quiseram feminilizar o mundo e as afirmações centraram-se em um modo especial de ser, um modo diferente de pensar a vida, enfim, um modo feminino de ver o mundo.

Entretanto, parece-nos, hoje, que esta dignificação da diferença também teve por trás de si uma característica problemática: o fato de a diferença, também, se dar pela falta. Se refletirmos bem, observaremos que em Freud a imagem da mulher é a imagem daquela que está castrada, sempre ocupada com a falta do falo, símbolo do poder e da dominação. Esta falta estende-se ao texto literário, obviamente.

A sedução do discurso psicanalítico, que encanta pela palavra, esconde armadilhas que acabam levando a mulher a se apropriar e a se identificar com um ponto de vista, e aceitá-lo como normal e legítimo. Se com referenciais e categorias analíticas a enunciação do “feminino” no discurso é uma impossibilidade, de onde fala e escreve a mulher? Quem fala e afirma sua alteridade? Se o silêncio e a ausência constituem a sua feminilidade, como fica a questão da auto-representação? Será que a ordem simbólica das escritoras, ao falar da experiência feminina será, sempre e inevitavelmente, a ordem “histórica”? Assim como é preciso redefinir a questão da diferença e transformá-la em uma positividade e não mais em “marca de pejoração”, é preciso ter um quadro de referenciais para a leitura, pesquisa e análise (SCHIMIDT, 1995, p 184).

Dessa forma, já fica bastante comprometida a relação sexo/gênero, enquanto parte do pensamento da teoria feminista. Não há como justificar a exigência de um espaço para aquelas que têm total consciência da sua falha, da sua inferioridade, de seu vazio.

4 FEMINISMO, CULTURA E PRODUÇÃO LITERÁRIA

Como vimos, o Movimento Feminista tem tentado, em sua curta existência, promover uma releitura dos vazios na História do mundo, para, desta forma, recolocar as mulheres em seu lugar na cultura e na construção do sujeito humano. Para isto, muitos esforços têm sido feitos na tentativa de clarear o que, historiograficamente, é bastante obscuro, ou seja, o papel da mulher na formação estrutural das sociedades. A partir do surgimento do feminismo, o mundo viu-se convidado a repensar constantemente a tradição e de que modo pode a intervenção do olhar feminino alterar os rumos da cultura.

No que diz respeito à literatura, a primeira fase da crítica feminista concentrou-se nas representações que freqüentavam as obras de autores homens.

Tal crítica se concentrava nos modos de representação das personagens femininas e continha um caráter de denúncia, afirmando que elas eram muitas vezes representadas como seres passivos, sem qualquer influência no desenrolar da ação de romances centrados na experiência masculina, tais como, por exemplo, o Dom Quixote, de Miguel de Cervantes. Na opinião de Rita Felski essas personagens podiam até ser complexas, mas nunca teriam os destinos morais dos personagens masculinos, uma vez que “as mulheres da ficção existem como o reflexo da lua, brilhando na projeção da luz moral do homem” (FELSKI, 2003, p. 17). /.../ Com o passar do tempo, parte da crítica feminista mudou de foco, propondo uma extensa investigação de obras escritas por escritoras mulheres, tais como Emily Dickinson, Charlotte Perkins Gilman e as irmãs Emily, Anne e Charlotte Brontë, entre outras (BELLIN, 2011, p. 2).

Em outras palavras, o pensamento difunde que o lugar do feminino, se não é atribuído de fora, mas produzido pela voz da mulher, há que oferecer referências que sustentem, na escrita, na arte, na política, na sociedade como um todo, a expressão deste dizer-se e fazer-se pelo próprio discurso.

Havia, e ainda há, necessidade de estudos sobre a escrita das mulheres. É o que diz, em outras palavras, Gillian Beer (BEER, 1989), ao refletir sobre as questões femininas ao longo dos séculos. Os tempos e a situação mudaram e as mulheres deixaram de ser vistas apenas como procriadoras, provando, ao contrário, que estão capacitadas a realizar seu trabalho desde que não lhes sejam

negadas condições para isto, ou seja, desde que possam sair dos domínios do mundo masculino, sem demasiados percalços, que se fundamentam em preconceitos criados pela cultura patriarcal.

Face a isso, a literatura de homens e mulheres deve ser sempre examinada à luz de novos tempos, deixando para trás velhos (pre) conceitos e abrindo espaço para que a revisão do passado revele, afinal, quem são e o que fizeram as mulheres no decorrer da história da cultura ocidental. É necessário reafirmar o abandono de velhas noções que construíram fronteiras rígidas de separação entre centro (poder) e periferia (sentir) e que excluíram as mulheres das decisões, das opções na produção da história. A organização da sociedade sempre coube aos homens e a História mal faz referência à participação da mulher, a não ser como coadjuvante. Conseqüentemente, os valores divulgados pelo discurso falocêntrico impediram a manifestação das mulheres em vários níveis psicossociais e, associada a este poder fálico, com o advento do capitalismo, estava a detenção dos recursos financeiros, o que para as mulheres significou dominação e submissão por longo tempo, como se lê no pensamento de Woolf, já antes mencionado.

Que corpo social teria transportado a alma feminina no fim do século XVII ? Que outro destino poderia ter uma mulher nascida na família de Shakespeare com a mesma inspiração do poeta, que , como ele , tivesse sentido o apelo irresistível da criação ? Que recusa frontal teria enfrentado, primeiro da família – mas de casa foge- depois do mundo dos homens, em que uma mulher jovem e solitária não ingressa sem que sobre ela pese a suspeita de prostituição ? Capitulação, casamento, renúncia ,suicídio. Linha fatal que vai de um desejo nascido antes da hora à morte física, prolongamento da morte prematura, do desejo prematuro. Há desejos trágicos, que brotam antes do seu tempo e cujo destino é morrer insaciado. O desfecho do suicídio era a solução natural de um conflito em que os apelos do talento artístico se viam negados pela impossibilidade de expressão e transformados em destinos medíocres e infelizes, que esse mesmo talento se recusava a testemunhar. Judith não tinha um quarto para si nem uma renda própria. Nem direito algum, afora o de se matar (WOOLF, 1996, p. 50).

Dessa forma, algumas revisões históricas contribuíram bastante para o resgate pretendido pelo feminismo. Tais revisões encorajaram a crítica a escapar dos limites impostos pelo discurso falocêntrico e a redescobrir o valor da

participação da mulher na História e na Literatura. Cheryl B. Torsney (TORSNEY, 1999) fez referência a estas modificações e citou, como exemplo bem sucedido, Nancy Cott, que estudou a cultura das mulheres da Nova Inglaterra, através de alguns “novos” documentos: cartas, diários, hábitos femininos, etc... Também evocou Carrol Smith-Rosemberg, que, de maneira semelhante, fez uma investigação de cartas e diários de mulheres americanas no século XIX e desnudou vários aspectos importantes da formação da estrutura da sociedade americana.

Nota-se assim que à maneira dos Analles foi e continua sendo possível rever a tradição e inová-la; trazer a público nomes apagados pela literatura oficial: Aphra Behn não é mencionada pela tradição literária; Eliza Haywood estava esquecida no obscurantismo. Há o legado de Fay Weldon, Alison Lurie, Edna O’Brien, Erica Jong, Marilyn French, Anita Brookner, Mary Gordon, Margaret Drabble e muitas, tantas outras, que não existem ainda para a tradição literária. A literatura escrita por mulheres não foi considerada pela crítica oficial, basta olhar os manuais escolares.

No Brasil, não foi diferente. Somente a partir da década de 30, a mulher passou a ter um maior espaço na crítica. Anterior a isso, o que se vê é mais uma demonstração do impedimento de uma melhor visibilidade da mulher escritora.

Impedida de inscrever-se no conjunto dominado pelo gênero reconhecido, à mulher escritora restou ser considerada um fato criticamente menor, mesmo quando dona de produção extensa, longa vida literária e reconhecimento público, como é o caso de Júlia Lopes de Almeida, sobre quem deve ter permanecido o juízo de Nestor Vitor, que a vê como “sem estilo”, “sem feitiço pessoal”, alijada do nacional, por não ter a “notável escritora”, segundo ele, “modo muito brasileiro de escrever (VIANA, 1995, p.170).

Em obra mais recente de Alfredo Bosi, História Concisa da Literatura Brasileira, apenas Francisca Júlia aparece em meio a outros parnasianos e, segundo Bosi, nivelou-se aos mestres do Parnasianismo. Assim sendo, como se explica o fato de ela ser tão pouco mencionada? Exatamente porque na tradição literária não houve o espaço adequado e justo para a literatura produzida pelas mulheres, pois o cânone a ser perseguido era a literatura produzida por homens.

Assim, muitas mulheres ficaram fora do espaço do reconhecimento na sociedade patriarcal: as poetisas Narcisa Amália de Campos e Amélia de Freitas Beviláqua, as escritoras Nísia Floresta Brasileira Augusta (SUPLEMENTO REVISTA NOVA, 2000), Luísa Leonardo Marques, Maria Firmina dos Reis, e a educadora e escritora Maria Lacerda de Moura dentre outras, são alguns exemplos de nomes retirados do obscurantismo pela nova crítica (ANAIS DO V SEMINÁRIO NACIONAL – MULHER E LITERATURA, 1993). Portanto, a crítica feminista contribuiu bastante para a mudança deste estado de coisas, embora precise ainda travar consigo mesma a batalha maior, qual seja, o de resolver problemas elementares de sua teoria como o da questão do gênero. Desta forma, também o feminismo deve rever velhos conceitos e posturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, surge a necessidade de se repensar a teoria do feminino, pois o mundo sofre transformações profundas. As alterações nas práticas sociais e as fronteiras abaladas em questões antes consensuais põem em estado de alerta alguns modos de pensar e obrigam a uma reflexão constante .

Enfim, se dentro das sociedades ocidentais, o gênero tem representado relações de dominação, as feministas precisariam explorar as relações sociais que têm sido esquecidas e pensar como as atividades femininas afetam ou têm sido afetadas em suas relações com as masculinas e, posteriormente, suas implicações nas relações de classe e raça, que fazem parte de qualquer cultura .

Ao refazermos o percurso de alguns caminhos relacionados às questões femininas, pudemos verificar que, de fato, houve muitas contribuições que resultaram em progressos e foram, sem dúvida, de extrema importância para a causa das mulheres, rompendo obstáculos.

Pode ser que a maior conquista do movimento tenha sido a capacidade de problematizar a História e daí fazer nascer ideias que iriam transformar velhos(pre)conceitos. A História do mundo nunca mais seria a mesma depois dos

Analles, e a História das mulheres também não, após o surgimento do movimento feminista.

Sabemos que nenhuma nova verdade foi construída e que nada está tão fechado em si mesmo a ponto de não ser passível de modificação; entretanto o mais importante em todo este processo de mudanças é exatamente a capacidade de gerá-las, pelo questionamento de conceitos, valores e formas de pensamento. Desta maneira os espaços vão se abrindo e cedendo lugar para que vários grupos interajam, não de forma igualitária – isto tornou-se socialmente impossível no capitalismo – porém de forma mais consciente de seus papéis menos rígidos. De todo modo, o panorama brasileiro, desde o modernismo, alterou - se grandemente.

Por fim, cabe informar que, em outras edições desta revista, conforme se lê na nota 2, anteriores e vindouras, em artigos relacionados ao tema da mulher, do feminino e do feminismo, tratamos e trataremos, pois, de acompanhar, no Brasil do século XX, o percurso das vozes femininas na Música Popular Brasileira, enquanto compositoras. E, além disso, acompanharemos a trajetória singular da cantora e compositora Rita Lee, expressiva artista que nos oferece material para a leitura da condição da mulher na cultura brasileira.

WOMAN, FEMALE, FEMINISM: PLACE AND VOICE IN THE WESTERN CULTURE

ABSTRACT

This article presents, briefly, reflections on the place and the female voice and feminism, culture and history of the West, whose patriarchal essence reserved the wayside as the main area of occupation of women. Just a closer look in order to verify a kind of vacuum in relation to the female presence in the movement of social interactions in general. In the twentieth century, the awareness of some women, "Feminist Movement" led to the call, which presented different phases. Without a rationale that endorse the existence of prejudice against women in the culture, feminism has found fertile ground to reverse the bleak picture the submission and anonymity that prevented women from transiting the space of authorship, word and own subjectivity. Such a course, however, was not enough to extinguish the need for discussion on the contemporary scene.

Keywords: Female. Feminism. Woman. Literature. Culture.

REFERÊNCIAS

Anais do III Simpósio - Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.

Anais do V Seminário Nacional – Mulher e Literatura. 1 a 3 de Set. de 1993.

BARTHES, Roland . **Michelet**. Tradução de Paulo Neves – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BEER, Gillian. Representing Women: Re-presenting the Past. In: **The Feminist Reader: essays in Gender and the Politics of Literary Criticism**. Edited by Catherine Belsey and Jane Moore. New York: Basil Blackwell, 1989.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(1): 312, janeiro-abril/2015.

FLAX , Jane. Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista. In: **Pós-Modernismo e Política**. Heloísa Buarque de Holanda (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. A Cicatriz do Andrógino. In: **Revista. Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro ,n. 101 ,p. 145/162 , abr.jun.1990.

_____. **Elogio da Diferença – O Feminino Emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PRIORE, Mary Del. (Org.). Carla Bassanezi (coord. De textos) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto , 1997. 2ª ed.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. **Os Estudos sobre Mulher e Literatura no Brasil: percurços e percalços**. In: Anais do 5º Seminário Nacional Mulher e Literatura, Natal, 1 a 3 de setembro de 1993. Constância Lima Duarte(ORG.) Natal: UFRN: Universitária, 1995.

Suplemento Revista Nova- Ano 28- nº 1- jan.2000.

STIMPSON, Catharine R. Woolf's Room, Our Project: The Building of feminis Criticism. In: **The Future of literary theory**. Edited by Ralph Cohen. London/ New York: Routledge/Chapman and Hall Inc., 1989.

TORSNEY, Cheryl B. The Critical Quilt: Alternative Authority in Feminist Criticism. In: DOUGLAS, Atkins G; MORROW, Laura. **Contemporary Literary Theory**. Massachusetts: The University of Massachusetts Press, 1989.

VIANA, Lúcia Helena. Por Uma Tradição do Feminino na Literatura Brasileira. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Anais do 5º Seminário Nacional Mulher e Literatura**, Natal, 1 a 3 de setembro de 1993. Natal: UFRN: Universitária, 1995.

WOOLF, Virgínia. **Virgínia Woolf**. Trad. Patrícia de Freitas Camargo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.